



REAVIVANDO A CHAMA



Encarte da Revista Renovação nº 59 - Novembro/Dezembro de 2009

BOLETIM Nº 48

CARISMA DA CURA

I. Introdução

Os carismas da cura, fé e milagres podem ser chamados “dons-sinais”, porque sinalizam algo de extraordinário realizado pelo poder de Deus. São dons que manifestam o poder de Deus no mundo; são obras do poder do Espírito, agindo nos cristãos e através deles, para confirmar a verdade da mensagem cristã.

Diante do poder de Deus que se manifestou em Jesus e nos apóstolos, muitos se converteram à fé, ao presenciarem uma cura, um milagre, um prodígio sobrenatural, uma ressurreição, etc.

Esses dons continuam sendo manifestos na Igreja. São necessários aos nossos dias, porque confirmam a palavra do Senhor. Não foram necessários somente no início do cristianismo, para sua expansão. É próprio da Igreja testemunhar pela manifestação dos dons carismáticos, a ação poderosa do Senhor em meio a seu povo. Pelos carismas, a evangelização é confirmada. “Os discípulos partiram e pregaram por toda a parte. O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam” (Mc 16, 20).

2. As enfermidades e a cura

“Enviou-os a pregar o Reino de Deus e curar os enfermos” (Lc 9, 2).

Antes de entrar propriamente no dom da cura convém tecer alguns comentários a respeito da questão das enfermidades e de sua relação com a vida cristã e o plano da salvação.

O entendimento da Igreja a respeito dessas realidades é de que a enfermidade e o sofrimento sempre estiveram entre os problemas mais graves da vida humana: “Na doença o homem experimenta a sua impotência, seus limites e sua finitude”¹.

O Papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica Salvifici Doloris — “O sentido cristão do sofrimento humano” — procura responder ao sentido da dor e do sofrimento. Segundo ele, “poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido excluído, ou do qual ele próprio se privou”². No plano inicial de Deus que previa todo o bem e toda a satisfação das necessidades do homem (físicas, emocionais e psíquicas), se interpôs o pecado, criando toda a espécie de dor e insatisfação dessas necessidades.

2.1. Conceito de saúde

(equilíbrio) x doença (desequilíbrio)

Deus criou o homem em harmonia perfeita com todas as coisas. O Espírito de Deus governava o espírito do homem; este governava a alma e a alma governava o corpo. E o homem gozava de um dom chamado imortalidade corporal, além da imortalidade do espírito.

Havia harmonia — equilíbrio — entre o espírito, a alma e o corpo. Quando o homem saiu, voluntariamente, do plano original de Deus, pelo pecado das origens, entraram no mundo o sofrimento, a doença (desequilíbrio, desarmonia) e a morte.

A doença (que é um desequilíbrio) pode ter início em um dos elementos constitutivos do ser humano e atingir os outros, secundariamente. Por exemplo: uma doença que comece no espírito (pneuma) pode se exprimir na mente (psiquê) e no corpo (soma). Então é uma doença pneumopsicossomática, uma doença do homem total. Exemplificando: um pecado, que é uma doença do espírito (ou do pneuma), pode gerar um sentimento de “remorso”³ (na alma ou psiquê), levando a doenças ósseas (no corpo ou no soma).

1. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1500. 2. JOÃO PAULO II apud RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA, Oração pela cura, p.14. 3. O “remorso” distingue-se da “contrição” pelo seu caráter ativo: a pessoa sente-se atingida no orgulho, ao se deparar com sua imperfeição. A contrição é uma atitude de humildade, por meio da qual a pessoa se reconhece pecadora e solicita a misericórdia de Deus.

O homem em desequilíbrio (doente) precisa ser curado, restaurado, regenerado em todo o seu ser para voltar à harmonia inicial. A cura é isto: a restauração do equilíbrio, da harmonia do plano de Deus.

2.2. O exercício do dom da cura

Se a doença é no corpo, precisa-se de cura física; se na mente, é necessária uma cura psíquica; adoecem as emoções, a carência é de uma cura interior. Caso o problema seja espiritual, é preciso uma cura espiritual (libertação). Em qualquer hipótese, o dom de cura geralmente se manifesta por meio da oração de cura.

Para orar por cura, a única prerrogativa é usar o nome de Jesus. É preciso deixar de lado o medo e os enganos e orar pelos enfermos, sabendo que Deus os cura pelos méritos de Jesus Cristo e não porque a pessoa sabe orar, tem experiência ou é santa. Todos podem exercitar o dom de curar as doenças.

O propósito de Deus é que os seus filhos sejam totalmente sadios, curados, restaurados, regenerados e libertos. Para isso Ele enviou o Seu Filho para morrer pela humanidade. Pelas suas pisaduras o Filho trouxe a cura total e a libertação (cf. Is 53, 4-5).

O Papa João Paulo II diz que “o homem é destinado à alegria, mas todos os dias experimenta variadíssimas formas de sofrimento e de dor”.⁴ E a Congregação para a Doutrina da Fé, em recente publicação⁵, se manifesta dizendo que exatamente por que o homem é destinado à alegria, o Senhor, nas suas promessas de redenção, anuncia a alegria do coração ligada à libertação dos sofrimentos (cf. Is 30, 29; 35, 3-4; Br 4, 29). Por isso, há um anseio legítimo e profundo no homem de se libertar de todo mal, pois o Senhor é “aquele que liberta de todos os males” (Sb 16, 8).

2.3. Deus quer o homem

saudável

Desde a criação do homem, Deus o chamou à felicidade, ao bem-estar, à saúde plena. Este é o plano de Deus: a felicidade e o bem de suas criaturas. As palavras dos profetas, as intervenções divinas em favor do povo escolhido testemunham um afeto e uma ternura que expressam o grande amor de Deus. Se dúvidas ainda houvesse, o mistério da Encarnação de Jesus Cristo as dissiparia por completo. Um Deus que se dá de forma tão apaixonada não poderia ter pensado ou desejado a dor ou o sofrimento para os seus amados.

No Diálogo⁶ encontram-se registros primorosos de como Deus vê a separação do homem e a sua necessária reconstrução:

“Ó filha bondosa e querida, a humanidade não foi leal e fiel para comigo. Desobedeceu à minha ordem (Gn 2, 17) e achou a morte. De minha parte mantive a fidelidade, conservei a finalidade para a qual a criara, com a intenção de dar ao homem a felicidade. Uni a natureza divina, tão perfeita, à mísera natureza humana, resgatei a humanidade, restitui-lhe a graça pela morte de meu Filho. Os homens sabem de tudo isso mas não acreditam que sou poderoso para socorrê-los, forte para auxiliá-los e defendê-los dos inimigos, sábio para iluminar suas inteligências (...). A natureza divina uniu-se com poder meu (o Pai), com a sabedoria do Filho e com a clemência do Espírito Santo. Todo o abismo da Trindade, uniu-se à vossa humanidade”.

O ensinamento da Igreja⁸ aponta que de Deus vem a cura e a salvação. O desejo de Deus, conforme o testemunho do próprio Jesus Cristo, é a cura, a vida plena e abundante (cf. Jo 10, 10). A Escritura afirma que “Deus não é o autor da morte, e a perdição dos vivos não lhe dá nenhuma alegria. Ele criou tudo para existência, e as criaturas do mundo devem cooperar para a salvação. Nelas, nenhum princípio é funesto, e a morte não é a rainha da terra,

porque a Justiça é imortal” (Sl 115, 6; Sb 1, 13-15). Ora, Jesus veio ao mundo para dar ao homem vida em plenitude, manifestando o amor de Deus Pai (cf. Jo 3, 16) e torná-lo participante da natureza (cf. 2 Pd 1, 4) e do amor divino (cf. 1 Jo 4, 9; 5, 11).

Se Jesus deu a vida pelo homem, se “fomos trasladados da morte para a vida” (1 Jo 3, 14), Ele o quer cheio de vida, de saúde, de felicidade, pois Ele é o Deus da vida; Ele “é um Deus que nos cura” (Ex 15, 26), “que sara as nossas enfermidades” (Dt 32, 39; Sl 102, 3; 146, 3). As doenças encontram sua causa no próprio homem, no seu pecado, orgulho, ambição; em sua desarmonia consigo mesmo, com os outros, com a natureza e, por fim, com o próprio Criador. Mas esta é uma verdade bíblica: Deus quer o homem saudável!

2.4. Dom da cura e sofrimento humano

Através do Antigo Testamento percebe-se que o povo de Israel tinha o entendimento de que as enfermidades estavam misteriosamente ligadas ao pecado e ao mal; mas elas atingiam também os justos, o que levava o homem a interrogar-se o porquê.⁹ O Papa João Paulo II esclarece sobre isso: “Se é verdade que o sofrimento tem um sentido de castigo quando é ligado à culpa, já não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha um caráter de castigo. A figura de Jó é disso uma prova convincente no Antigo Testamento (...). Se o Senhor permite que Jó seja provado pelo sofrimento, fá-lo para demonstrar a sua justiça. O sofrimento tem caráter de prova”.¹⁰

Conforme o entendimento expresso pela Congregação para a Doutrina da Fé, a doença pode ter aspectos positivos de demonstrar fidelidade ou mesmo de reparação, mas continua sendo sempre um mal e as promessas de Deus vão sempre no

4. Christifideles Laici, n. 53.

5. Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura, p. 5.

6. Principal obra de Santa Catarina de Sena

7. p. 315

8. Cf., especialmente, CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1502-1510.

9. Cf. Jo 7, 20.

10. JOÃO PAULO II apud CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, p. 5.

sentido de libertação e de cura e que, em tempos vindouros, não haverá mais desgraças e invalidez e o decurso da vida nunca mais será interrompido com enfermidades mortais (cf. Is 35, 5-6; 65, 19-20).¹¹

A partir da vinda de Jesus Cristo é que se encontra uma resposta mais completa para a questão das enfermidades. Quando Jesus se depara com os enfermos, e isto é uma constante na narrativa de todos os evangelistas, a sua atitude é sempre de curar e de libertar de todos os males. A esse respeito diz a Congregação para a Doutrina da Fé: “As curas são sinais de sua ação messiânica (cf. Lc 7, 20-23). Manifestam a vitória do Reino de Deus sobre todas as espécies de mal (...), servem para mostrar que Jesus tem o poder de perdoar os pecados (cf. Mc 2, 1-12) e são sinais dos bens salvíficos”.¹²

O mesmo sentido pode ser observado no início da evangelização ao longo dos Atos dos Apóstolos, conforme Jesus havia prometido. São frequentes as curas e as libertações por meio dos apóstolos. São Paulo também confirma a continuidade dos sinais e prodígios em sua evangelização. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé acrescenta: “Eram prodígios que não estavam ligados exclusivamente à pessoa do Apóstolo, mas que se manifestavam também através dos fiéis”.¹³

3. Enfermidades no Antigo Testamento

Ao longo do Antigo Testamento, após a narrativa do pecado e das conseqüências que ele trouxe para o homem, começa a surgir, especialmente nos salmos e através dos profetas, uma visão nova da doença diante de Deus: elas se tornam caminho de conversão (cf. Sl 38, 5 e 39, 9.12) e o perdão de Deus inaugura a cura.¹⁴ Chega-se a momentos de uma compreensão extraordinária da dor e da

redenção a serem manifestadas plenamente no Cordeiro de Deus, o Justo, o Servo: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e carregou com nossos sofrimentos... E ainda: “Por suas chagas, nós fomos curados” (Is 53, 4.5.11).

Foi assim que os profetas viram a chegada do Messias: “Ele mesmo vem salvar-nos; os olhos dos cegos se abrirão e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; então, o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos alegres” (Is 35, 4b-6a). Os tempos messiânicos foram vistos como tempos de plenitude espiritual, plenitude de vida física, como tempos nos quais o poder de Deus se manifestaria com esplendor em Jesus Cristo.

O Messias teria em si a plenitude do Espírito Santo; seria consagrado pela unção, e “enviado a levar a Boa Nova aos pobres, a curar os corações doloridos, a anunciar aos cativos a redenção, aos prisioneiros a liberdade...” (Is 61, 1-2). Ele foi prenunciado como o “rebento justo brotado de Davi” (cf. Jr 23, 5; 33, 15); como “Gérmen”, segundo o profeta Zacarias (cf. Zc 3,8; 6,12); foi predito ser o Messias, a “Pedra Angular” na construção da Igreja (cf. Zc 10, 4; Is 8, 14; 28, 16; Sl 117, 22; At 4, 11); como alguém que viria “pensar a chaga de seu povo e curar as contusões dos golpes que recebeu” (Is 30,26). Ele seria o “Emanuel, o Deus conosco, o príncipe da Paz” (cf. Is 7, 14; 9, 5; Mt 1, 23); seria o “Sol da Justiça, que traz a Salvação em seus raios” (Mt 13,20).

4. O Novo Testamento: Jesus e os enfermos

No Novo Testamento, vê-se Jesus cumprindo as profecias. Um dos textos claros, neste sentido, é Lucas 7, 22: “Ide anunciar a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e aos pobres é anunciado o evangelho” (E Jesus acabara de fazer

muitas curas: cf. v. 21).

Fundamentalmente, os evangelistas se esforçam por transmitir aos seus leitores e ouvintes, a verdade que Jesus é o Messias anunciado pelos profetas, o Filho de Deus, que devia vir ao mundo para realizar o plano do Pai: a salvação dos homens e a manifestação do Reino definitivo (cf. Mt 1, 21-22; 16, 16; Mc 1, 1-15; 15, 39; Lc 7, 18-23; Jo 4, 25-26; 11, 27, etc). Jesus anunciava o Reino de Deus (cf. Lc 9, 11) presente n'Ele e em sua obra (cf. Mt 12, 28; Lc 11, 20).

A Encarnação do Verbo, na plenitude dos tempos, quando “se fez carne, e habitou entre nós” (cf. Jo 1, 14), é salvífica, pois Ele veio ao mundo “para salvar o povo de seus pecados” (cf. Mt 1, 21); veio para “expiar os nossos pecados” (cf. 1 Jo 4, 10); veio “para salvar os pecadores” (cf. 1 Tim 1, 15); veio “para nos resgatar de toda a iniquidade e nos purificar” (cf. Tt 2, 14); veio, enfim, para que todos tivessem vida plena (cf. Jo 10, 10).

No início de seu ministério público, “Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino, e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo... e curava a todos” (Mt 4, 23-25). Não somente Jesus curava! Mas dava aos discípulos o poder de fazê-lo: “Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios...” (Mt 10, 8).

2.1. A oração de cura interior no grupo de oração

- Considerações
- Quando orar para a cura interior
- Como orar
- Oração de cura interior por etapas

2.2. Oração de cura física no grupo de oração

- Considerações
- Oportunidades de orar pelos doentes

3. Motivos que impedem ou dificultam

11. Cf. Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura, p. 6. 12. Ibid., p. 6. 13. Ibid., p. 7. 14. Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 1502.

Uma palavra pode definir o relacionamento de Jesus com os enfermos: compaixão. Diversas vezes os evangelistas se referem à sua compaixão. O Catecismo da Igreja Católica diz que “sua compaixão para com todos aqueles que sofrem é tão grande que ele se identifica com eles: Estive doente e me visitastes”.¹⁵ Todos buscavam a Jesus, que a todos recebia. Todos o queriam tocar e Ele se deixava tocar.

As curas realizadas por Jesus suscitavam a fé em sua Pessoa Divina e levavam os ouvintes a se tornarem seus discípulos e suas testemunhas. Se Jesus curava, era porque não aceitava a enfermidade como algo querido normalmente por Deus; mas a cura, a saúde plena, estas sim, eram desejadas por Deus. Jesus curava porque via as pessoas doentes e porque manifestava, assim, o seu amor. E a ninguém que dele se aproximasse dizia: “volta para casa com tua enfermidade, porque Deus Pai assim o deseja, e te abençoa com a doença”. Ao contrário: curou a todos os que dele se aproximaram e lhe pediram com confiança e fé (cf. Mc 6, 56). Jesus quer dar a saúde. Ele é o divino médico e quer curar o homem totalmente (cf. Mt 8, 3; Mc 1, 41; Lc 13, 32).

Deus pode, é certo, permitir que uma doença permaneça em uma pessoa, sendo a mesma um meio de santificação e purificação para si e para os outros. De modo geral, a vontade de Deus é que o homem seja curado para poder louvá-Lo com todo o ser. Jesus demonstrou isto em sua vida pública ao curar os doentes. Compadecia-se dos doentes e manifestava seu amor curando-os. Ele mesmo disse: “os são não precisam de médicos, mas os enfermos” (Mc 2, 17). E Jesus ali estava como o médico divino do corpo, da mente e da alma dos homens.

5. A Igreja e o poder de curar doenças

Após a ressurreição, Jesus apareceu aos apóstolos e lhes disse: “Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio” (Jo 20, 21). A missão que Jesus recebeu do Pai, de tornar presente entre os homens o seu amor salvífico, Ele o transferiu à sua Igreja. A missão de Jesus e da Igreja é a salvação dos homens, e esta é a

vontade do Pai (cf. I Tim 2, 4).

Ao se despedir dos apóstolos, Jesus ordenou: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. Estes milagres acompanharão aos que tiverem crido: expulsarão os demônios em meu Nome, falarão novas línguas, manusearão serpentes, e se beberem algum veneno mortal não lhes fará mal; imporão as mãos sobre os enfermos e eles ficarão curados” (Mc 16, 16-18).

A intenção de Jesus é bem clara: “Estes milagres acompanharão aos que tiverem crido”. Já mesmo durante a vida pública de Jesus, os apóstolos puderam testemunhar o poder curativo que Ele lhes dava: pregavam e curavam os doentes (cf. Mc 6, 13; Lc 9, 6).

Na vida dos apóstolos, as curas aconteciam pelo poder do nome de Jesus e do seu Espírito. Era o Senhor confirmando a pregação apostólica (cf. Mc 16, 20). Eis alguns relatos da era apostólica:

a) Pedro cura um coxo de nascença, com mais de quarenta anos de idade (cf. At 3, 1; 4, 22);

b) A sombra de Pedro, passando por sobre os doentes os curava; Deus fazia milagres extraordinários por intermédio de Paulo (cf. At 5, 12-16; 19, 11-12);

c) Na Samaria, com o Diácono Filipe, acontecem prodígios e curas (cf. At 8, 4-8);

d) Pedro, em Lida, cura o paralítico Enéias (cf. At 9, 32-35); este fato trouxe muitas pessoas à conversão para a fé;

e) Em Jope, Pedro ressuscita a Tabita, o que suscita a fé em muitos corações, que se voltam ao Senhor (cf. At 9, 36ss);

f) Em Icônio, o Senhor opera prodígios por meio de Paulo e Barnabé (cf. At 14, 1ss);

g) Em Listra, Paulo cura um homem aleijado das pernas, coxo de nascença (cf. At 14, 8);

h) Em Trôade, Paulo ressuscita um moço (cf. At 20, 7-10);

i) Em Malta, Paulo cura o pai de Públio, impondo as mãos; e cura os doentes da ilha (cf. At 28, 8-9).

Se Jesus associou a evangelização aos sinais visíveis de seu poder presente na Igreja, não se pode separar evangelização e sinais sem deturpar sua intenção. Após a era apostólica, a

Igreja continuou a exercer estes dons de cura e milagres; é conhecida a fama dos santos, dos místicos, por seus milagres em favor do povo. Associou-se assim, com o passar do tempo, a santidade ao fato de se realizarem milagres e curas em benefício dos enfermos. Esta idéia da santidade unida a fatos prodigiosos, manteve-se firme por vários séculos na Igreja: ser santo era operar prodígios e curas.

Depois do Concílio do Vaticano II surgiram na Igreja Católica diversos grupos que retomaram o uso dos dons carismáticos. Conseqüentemente, o dom da cura começou a expressar-se com mais freqüência no meio do povo, como um aspecto da unção do pentecostes renovado. A Renovação Carismática Católica, especialmente, contribuiu para isso.

O Catecismo da Igreja Católica atesta essa vontade de Deus em curar o seu povo e reconhece: “O Espírito Santo dá a algumas pessoas um carisma especial de cura para manifestar a força da graça do ressuscitado”.¹⁶ Dessa fonte maravilhosa, os grupos de oração da Renovação Carismática Católica têm bebido e é possível testemunhar as maravilhas que o Senhor tem feito neles.

Devido ao fato desse assunto ser extenso, dividimo-o em duas partes. No próximo encarte falará sobre:

6. E quando as curas não acontecem?
7. A oração de cura
- 7.1. A oração de cura interior no grupo de oração
- a) Considerações
- b) Quando orar para a cura interior
- c) Como orar
- d) Oração de cura interior por etapas
- 2.2. Oração de cura física no grupo de oração
- a) Considerações
- b) Oportunidades de orar pelos doentes
8. Motivos que impedem ou dificultam a cura
- a) A falta de fé
- b) A falta de perdão
- c) O pecado
9. Conclusão

**CONTINUA NA
PROXIMA EDIÇÃO**